

O Ateneu





RAUL POMPEIA

O Ateneu

Crônicas de saudades

TEXTO INTEGRAL

Cotejado com a 3ª edição definitiva da Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, s/d (conforme os originais e os desenhos deixados pelo autor).

Apresentação de

José Antonio Pasta

gerente editorial Claudia Morales
editor Fabricio Waltrick
editora assistente Fabiane Zorn
diagramadora Thatiana Kalaes
coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
revisão Bárbara Borges e Alessandra Miranda de Sá
redação Fabio Cesar Alves
colaboração José Muniz
projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez
coordenadora de arte Soraia Scarpa
editoração eletrônica Carla Castilho | Estúdio

imagem da capa *Série Passagens / Contenções*, de Erica Ferrari

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

PR49a

23.ed.

Pompeia, Raul, 1863-1895

O Ateneu / Raul Pompeia. - 23.ed. - São Paulo : Ática, 2012.
200p. - (Bom Livro)

Inclui apêndice

ISBN 978 85 08 14567-6

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Série. .

10-0437.

CDD 869.93

CDU 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 14567-6 (aluno)

ISBN 978 85 08 12873-0 (professor)

Código da obra CL 737813

CAE: 268245

2014

23ª edição

2ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática | 1995
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

O pântano das almas 7

I 13

II 26

III 38

IV 51

V 67

VI 83

VII 101

VIII 116

IX 132

X 139

XI 149

XII 164

Vida & obra 177

Resumo biográfico 195

Obras do autor 197

Obra da capa 199

O PÂNTANO DAS ALMAS

José Antonio Pasta

Professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP), é doutor na mesma área pela mesma instituição, e pós-doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris.

O *Ateneu* pode ser lido como o relato, entre ficcional e memorialístico, da experiência de um menino no colégio interno. Ao lê-lo dessa maneira, não estaríamos propriamente errados: de fato, nesse livro, o narrador já adulto relembra com duvidosas saudades o período em que, dos 11 aos 13 anos, esteve internado em um famoso colégio, justamente chamado *Ateneu*.

Essa leitura singela não é desprovida de interesse, bem ao contrário, uma vez que ela desdobra uma sequência muito viva e reveladora de episódios da experiência escolar e de figuras que compõem o mundo fechado do internato, algumas delas típicas: o diretor arbitrário e ególatra, os professores, quase todos cúmplices e rasos, os alunos acanalhados, rebeldes ou vitimados, as confusões sexuais típicas da situação, o ensino como violência e embuste, etc. Isso tudo, traçado com mão firme e narrado com verve crítica rara na literatura brasileira, já sustenta uma leitura de muito interesse e até de bastante atualidade. Visto assim, o livro alinharia, a seu modo, com outras tantas figurações literárias da escola e exibiria, de preferência, sua costela realista-naturalista.

Tal modo de compreender o livro, entretanto, está longe de dar conta dos níveis de sentido que ele propõe. Tudo indica que ele quer dizer mais, e o sinal decisivo dessa amplificação do sentido é certamente a linguagem extraordinária em que a narrativa se vaza. Movida por uma eloquência apaixonada, essa linguagem se mostra, em regra, enfática, hiperbólica, inflamada, sobrecarregada de intenções, muitas vezes excessiva até à desmedida. Não por acaso, a feição dita “retórica” do livro tem chamado tanto a atenção dos críticos.

Em parte, essa linguagem exuberante se explica seja pela influência de certas modas literárias daquele final de século XIX (modas então atacadas de estilismo agudo — ou de *écriture artiste* e de *peinturite*), seja, principalmente, por expressar a indignação do narrador-personagem ante as

misérias que sofreu e relata. O escritor Mário de Andrade chega a atribuir ao desejo de vingança do autor o que chama de “brilhações furiosas” de *O Ateneu*.

Contudo, a hipertrofia do estilo produz, entre a *matéria* (a vida escolar) e a *forma* narrativa do livro, uma desproporção cuja magnitude resiste às referidas explicações estilísticas e psicológicas. Em *O Ateneu*, sobre as figuras e vicissitudes do colégio interno, paira uma “atmosfera aumentada” na qual elas se projetam para muito além delas mesmas. Ganham, então, dimensão enigmática e pedem decifração. Sob a pressão da sobrecarga de estilo, o que elas significam? Para onde apontam, em sua projeção desmedida?

A resposta é simples e complexa ao mesmo tempo: o *Ateneu* é ele mesmo e outra coisa — o *Ateneu* é o mundo. Quem a fornece é o próprio livro, já na sua bombástica frase inicial: “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do *Ateneu*. Coragem para a luta”. Ao longo do livro, mas já desde as suas primeiras páginas, vai-se tornando patente que é preciso tomar a sério a famosa frase. Ajudada pela sobrecarga de intenções do estilo, ela vai conduzindo o leitor a ver no *Ateneu* um “microcosmo” do “grande mundo lá fora”, conforme diz o próprio narrador.

Além disso, no mesmo rumo, também a *matéria* aparentemente modesta do livro se vai desdobrando internamente, com visos de totalidade: a propósito do aprendizado escolar do narrador-criança, o livro vai compendiando as artes todas, as ciências, as humanidades, a religião, a política, etc., com uma sistematicidade que lhe confere certa feição enciclopédica, não incomum nos assim chamados romances de formação. Visto dessa maneira, *O Ateneu* se mostraria como um peculiar romance de formação finissecular, no qual, como em outras configurações estilísticas da época, o naturalismo encaminha-se para suas complexas interações finais com o Símbolo, com o impressionismo e, já, com as prefigurações do expressionismo.

Embora amplo, mesmo esse desdobramento interno da *matéria* revela-se insuficiente para catalisar a pressão de sentido acumulada na referida atmosfera aumentada do livro. Incapaz de compenetrar-se na própria *matéria*, ela vai investir também formas discursivas relativamente abstratas. Além de as notações particulares do narrador tenderem a encaminhar reflexões de alcance generalizante sobre a percepção, a linguagem, o tempo, a memória, a vida, a morte, o amor, etc., *O Ateneu* ainda abre espaço para extensas resenhas de algumas conferências do personagem Dr. Cláudio, conferências cujo conjunto é quase que a *súmula* de um sistema filosófico completo. Aquele macrocosmo a que remete o microcosmo do colégio tenderá, desse modo, a configurar-se como uma cosmologia estetizante e pessimista, em

que se conjugam ecleticamente várias linhas de força do pensamento do último quartel do século XIX.

Não para aí, entretanto, o desdobramento interno do livro. Entre o microcosmo do internato e o macrocosmo do grande mundo, ele propõe ainda outra camada de sentido, na qual o colégio será ainda um microcosmo, só que, desta vez, um microcosmo do Brasil.

Começamos a verificá-lo já no primeiro capítulo, quando o narrador adverte que “[...] não havia família de dinheiro, enriquecida pela setentrional borracha ou pela charqueada do sul”, que não mandasse “dentre seus jovens, um, dois, três representantes abeberar-se à fonte espiritual do Ateneu”. Concentrando jovens ricos de norte a sul do Brasil, o colégio apresenta-se, então, como um “resumo” das elites do Segundo Reinado, conforme o narrador adiante confirmará, especificando, aqui e ali, comportamentos de cearenses, pernambucanos, fluminenses, paranaenses, mato-grossenses, etc.

O retrato dessas elites que daí resulta é arrasador, e muitas páginas seriam necessárias para reconstruí-lo e especificá-lo. Em seus traços gerais, se é possível dizê-lo tão brevemente, elas se mostrarão arbitrárias, cruéis, corruptas, maníacas, regressivas — em uma palavra, *perversas*, de modo a não restar um só aspecto positivo. Em suas mãos, o conjunto da cultura humana que vimos o livro desdobrar enciclopedicamente será todo ele desnaturado e mutilado pelo uso arbitrário que dele se faz para fins de autoexaltação e de submissão do outro; este outro, por sua vez, se tornará temível e até fatal, visto que se trata de invadi-lo e aniquilá-lo ou de ser-se aniquilado por ele, numa luta de morte interminável. Toda projeção de futuro será consumida em veleidade ou alucinada em ideia fixa; também por isso, o próprio tempo perderá sua diferenciação interna, regredindo a uma espécie degradada de eterno retorno do mesmo; distinções fundadoras do humano, como aquelas entre natureza e cultura, vivos e mortos, desandarão a esboroar-se... Em suma, uma elite sórdida, produtora apenas de barbárie e ruínas, conforme se dá a ver na ilustração do próprio autor, que encerra o livro e, também, em sua frase final, funérea até o kitsch: “[...] o tempo é a ocasião passageira dos fatos, mas sobretudo — o funeral para sempre das horas”. O próprio tempo se arruína e cadaveriza, e o livro todo se revela finalmente regido pela morte: esta é tanto o seu ponto de vista quanto o seu ponto de fuga.

Se esses aspectos propriamente horrendos se projetam desde as práticas de todos, no colégio, eles entretanto se concentram em uma figura central — a de Aristarco, o diretor, que reina sobre o microcosmo do Ateneu. Reunindo e exponenciando todos esses traços, ele surge, então, como o resumo

encarnado dessas elites, ou sua personificação. Nessa medida, revela-se que o colégio, concentração das elites do Segundo Reinado, pode ser a Corte, que de fato tinha esse caráter, e Aristarco, o imperador Pedro II — epítome dessas elites. Não é raro que *O Ateneu* seja lido dessa maneira, e com bons motivos. Em uma de suas enfáticas conferências, o Dr. Cláudio investigará a razão de o Brasil ser “um charco de vinte províncias estagnadas na modorra paludosa da mais desgraçada indiferença”. Ao cabo de formidável diatribe, ele concluirá: “O pântano das almas [o Brasil] é a fábrica imensa de um grande empresário [...]. É a obra moralizadora de um reinado longo, é o transvasamento de um caráter, alagando a perder de vista a superfície moral de um império — o desmancho nauseabundo, esplanado, da tirania mole de um tirano de sebo”.

Quem fala, aqui, pela voz do Dr. Cláudio, é certamente o abolicionista radical e o republicano jacobino Raul Pompeia, que mais tarde irá opor, ao “tirano de sebo”, a sua defesa do Marechal de Ferro, Floriano Peixoto. Na perspectiva de Pompeia, a origem da calamidade brasileira é de ordem social e política, não racial ou climática, como para tantos de seus contemporâneos.

Visto assim, *O Ateneu* exibe com maior nitidez sua feição *alegórica*, de certo modo já dada em sua configuração como microcosmo/macrocosmo. O livro assume, então, as vantagens e as desvantagens desse modo de construir: na medida em que o regime alegórico faz sempre dizer o outro como um mesmo, em catástrofe, ele lhe permite fixar de modo congenial, no Brasil, a formação da ruína e a história pantanosa e melancólica; por outro lado, porém, a alegoria o torna presa dessa mesma estrutura que denuncia: ele só chega a *dizê-la*, ao preço de participar dela — da mesma barbárie que abomina. Não é à toa que *O Ateneu* às vezes horroriza algum leitor: é para a participação nessa mesma barbárie que o livro o convoca, já na sua frase de abertura — “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do *Ateneu*. Coragem para a luta.”



O Ateneu

I

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.” Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo — a paisagem é a mesma de cada lado beirando a estrada da vida.



Eu tinha onze anos.

Frequentara como externo, durante alguns meses, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuíam educação à infância como melhor lhes parecia. Entrava às nove horas, timidamente, ignorando as lições com a maior regularidade, e bocejava até às duas, torcendo-me de insipidez sobre os carcomidos bancos que o colégio comprara, de pinho e usados, lustrosos do contato da malandragem de não sei quantas gerações de pequenos. Ao meio-dia, davam-nos pão com manteiga. Esta recordação gulosa é o que mais pronunciadamente me ficou dos meses de externato; com a lembrança de alguns companheiros — um que gostava de fazer rir à aula, espécie interessante de mono louro, arrepiado, vivendo a morde, nas costas da mão esquerda, uma protuberância calosa que tinha; outro adamado, elegante, sempre retirado, que vinha à escola de branco, engomadinho e radioso, fechada a blusa em diagonal do ombro à cinta por botões de madrepérola. Mais ainda: a primeira vez que ouvi certa injúria crespá, um palavrão cercado de terror no estabelecimento, que os artistas denunciavam às mestras por duas iniciais como em monograma.

Lecionou-me depois um professor em domicílio.

Apesar deste ensaio da vida escolar a que me sujeitou a família, antes da verdadeira provação, eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase. O internato! Destacada do conchego placentário da dieta caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade. Amarguei por antecipação o adeus às primeiras alegrias; olhei triste os meus brinquedos, antigos já! os meus queridos pelotões de chumbo! espécie de museu militar de todas as fardas, de todas as bandeiras, escolhida amostra da força dos estados, em proporções de microscópio, que eu fazia formar a combate como uma ameaça tenebrosa ao equilíbrio do mundo; que eu fazia guerrear em desordenado aperto, — massa tempestuosa das antipatias geográficas, encontro definitivo e ebulição dos seculares ódios de fronteira e de raça, que eu pacificava por fim, com uma facilidade de Providência Divina, intervindo sabiamente, resolvendo as pendências pela concórdia promíscua das caixas de pau. Força era deixar à ferrugem do abandono o elegante vapor da linha circular do lago, no jardim, onde tal vez não mais tornasse a perturbar com a palpitação das rodas a sonolência morosa dos peixinhos rubros, dourados, argentados, pensativos à sombra dos tinhorões, na transparência adamantina da água...

Mas um movimento animou-me, primeiro estímulo sério da vaidade: distanciava-me da comunhão da família, como um homem! ia por minha conta empenhar a luta dos merecimentos; e a confiança nas próprias forças

sobrava. Quando me disseram que estava a escolha feita da casa de educação que me devia receber, a notícia veio achar-me em armas para a conquista audaciosa do desconhecido.

Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti.

Duas vezes fora visitar o *Ateneu* antes da minha instalação.

Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido reclame, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomeçar com artigos de última remessa; o *Ateneu* desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais, sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios.

O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do Norte, enchia o império com o seu renome de pedagogo. Eram boletins de propaganda pelas províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à sustância, atochando a imprensa dos lugarejos, caixões, sobretudo, de livros elementares, fabricados às pressas com o ofegante e esbaforido concurso de professores prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes cartonados em Leipzig, inundando as escolas públicas de toda a parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome de Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao pasmo venerador dos esfaimados de alfabeto dos confins da pátria. Os lugares que os não procuravam eram um belo dia surpreendidos pela enchente, gratuita, espontânea, irresistível! E não havia senão aceitar a farinha daquela marca para o pão do espírito. E engordavam as letras, à força, daquele pão. Um benemérito. Não admira que em dias de gala, íntima ou nacional, festas do colégio ou recepção da coroa, o largo peito do grande educador desaparecesse sob constelações de pedraria, opulentando a nobreza de todos os honoríficos berloques.

Nas ocasiões de aparato é que se podia tomar o pulso ao homem. Não só as condecorações gritavam-lhe do peito como uma couraça de grilos:

Ateneu! Ateneu! Aristarco todo era um anúncio. Os gestos, calmos, soberanos, eram de um rei — o autocrata excelso dos silabários; a pausa hierática do andar deixava sentir o esforço, a cada passo, que ele fazia para levar



adiante, de empurrão, o progresso do ensino público; o olhar fulgurante, sob a crispação áspera dos supercílios de monstro japonês, penetrando de luz as almas circunstantes — era a educação da inteligência; o queixo, severamente escanhado, de orelha a orelha, lembrava a lisura das consciências limpas — era a educação moral. A própria estatura, na imobilidade do gesto, na mudez do vulto, a simples estatura dizia dele: aqui está um grande homem... não veem os côvados de Golias¹?!... Retorça-se sobre tudo isto um par de bigodes, volutas maciças de fios alvos, torneadas a capricho, cobrindo os lábios fecho de prata sobre o silêncio de ouro, que tão belamente impunha como o retraimento fecundo do seu espírito, — teremos esboçado, moralmente, materialmente, o perfil do ilustre diretor. Em suma, um personagem que, ao primeiro exame, produzia-nos a impressão de um enfermo, desta enfermidade atroz e estranha: a obsessão da própria estátua. Como tardasse a estátua, Aristarco interinamente satisfazia-se com a afluência dos estudantes ricos para o seu instituto. De fato, os educandos do *Ateneu* significavam a fina flor da mocidade brasileira.

A irradiação da *réclame* alongava de tal modo os tentáculos através do país, que não havia família de dinheiro, enriquecida pela setentrional borracha ou pela charqueada do sul, que não reputasse um compromisso de honra com a posteridade doméstica mandar dentre seus jovens, um, dois, três representantes abeberar-se à fonte espiritual do *Ateneu*.

Fiados nesta seleção apuradora, que é comum o erro sensato de julgar melhores famílias as mais ricas, sucedia que muitas, indiferentes mesmo e sorrindo do estardalhaço da fama, lá mandavam os filhos. Assim entrei eu.

A primeira vez que vi o estabelecimento, foi por uma festa de encerramento de trabalhos.

Transformara-se em anfiteatro uma das grandes salas da frente do edifício, exatamente a que servia de capela; paredes estucadas de suntuosos relevos, e o teto aprofundado em largo medalhão, de magistral pintura, onde uma aberta de céu azul despenhava aos cachos deliciosos anjinhos, ostentando atrevimentos róseos de carne, agitando os minúsculos pés e as mãozinhas, desatando fitas de gaza no ar. Desarmado o oratório, construíram-se bancadas circulares, que encobriam o luxo das paredes. Os alunos ocupavam a arquibancada. Como a maior concorrência preferia sempre a exibição dos exercícios ginásticos, solenizada dias depois do encerramento das aulas, a acomodação deixada aos circunstantes era pouco espaçosa;

1 **côvados de Golias:** alusão ao gigante filisteu Golias, morto por Davi. Côvado é uma antiga medida de comprimento que equivalia a 66 cm. Segundo a Bíblia, Golias teria seis côvados e um palmo. (N.E.)

e o público, pais e correspondentes em geral, porém mais numeroso do que se esperava, tinha que transbordar da sala da festa para a imediata. Desta antessala, trepado a uma cadeira, eu espiava. Meu pai ministrava-me informações. Diante da arquibancada, ostentava-se uma mesa de grosso pano verde e borlas de ouro. Lá estava o diretor, o ministro do império, a comissão dos prêmios. Eu via e ouvia. Houve uma alocação comovente de Aristarco; houve discursos de alunos e mestres; houve cantos, poesias declamadas em diversas línguas. O espetáculo comunicava-me certo prazer respeitoso. O diretor, ao lado do ministro, de acanhado físico, fazia-o incivilmente desaparecer na brutalidade de um contraste escandaloso. Em grande tenue dos dias graves, sentava-se, elevado no seu orgulho como em um trono. A bela farda negra dos alunos, de botões dourados, infundia-me a consideração tímida de um militarismo brilhante, aparelhado para as campanhas da ciência e do bem. A letra dos cantos, em coro dos falsetes indisciplinados da puberdade; os discursos, visados pelo diretor, pançudos de sisudez, na boca irreverente da primeira idade, como um Cendrillon² malfeito da burguesia conservadora, recitados em monotonia de realejo e gestos rodantes de manivela, ou exagerados, de voz cava e caretas de tragédia fora de tempo, eu recebia tudo convictamente, como o texto da bíblia do dever; e as banalidades profundamente lançadas como as sábias máximas do ensino redentor. Parecia-me estar vendo a legião dos amigos do estudo, mestres à frente, na investida heroica do obscurantismo, agarrando pelos cabelos, derribando, calcando aos pés a Ignorância e o Vício, misérrimos trambolhos, consternados e esperneantes.

Um discurso principalmente impressionou-me. À direita da comissão dos prêmios, ficava a tribuna dos oradores. Galgou-a firme, tesinho, o Venâncio, professor do colégio, a quarenta mil-réis por matéria, mas importante, sabendo falar grosso, o timbre de independência, mestiço de bronze, pequenino e tenaz, que havia de varar carreira mais tarde. O discurso foi o confronto chapa dos torneios medievais com o moderno certame das armas da inteligência; depois, uma preleção pedagógica, tacheada de flores de retórica a martelo; e a apologia da vida de colégio, seguindo-se a exaltação do Mestre em geral e a exaltação, em particular, de Aristarco e do Ateneu. “O mestre, perorou Venâncio, é o prolongamento do amor paterno, é o complemento da ternura das mães, o guia zeloso dos primeiros passos, na senda escabrosa que vai às conquistas do saber e da moralidade. Experimentado

2 **Cendrillon**: nome francês para o conto “Cinderela” (também chamado de “A gata borralheira”), de Charles Perrault (1628-1703). (N.E.)

no labutar cotidiano da sagrada profissão, o seu auxílio ampara-nos como a Providência na Terra; escolta-nos assíduo como um anjo da guarda; a sua lição prudente esclarece-nos a jornada inteira do futuro. Devemos ao pai a existência do corpo; o mestre cria-nos o espírito (sorites de sensação), e o espírito é a força que impele, o impulso que triunfa, o triunfo que nobilita, o enobrecimento que glorifica, e a glória é o ideal da vida, o louro do guerreiro, o carvalho do artista, a palma do crente! A família é o amor no lar, o estado é a segurança civil; o mestre, com amor forte que ensina e corrige, prepara-nos para a segurança íntima inapreciável da vontade. Acima de Aristarco — Deus! Deus tão somente; abaixo de Deus — Aristarco.”

Um último gesto espaçoso, como um jamegão no vácuo, arrematou o rapto de eloquência.

Eu me sentia compenetrado daquilo tudo; não tanto por entender bem, como pela facilidade da fé cega a que estava disposto. As paredes pintadas da antessala imitavam pórfiro verde; em frente ao pórtico aberto para o jardim, graduava-se uma ampla escada, caminho do andar superior. Flanqueando a majestosa porta desta escada, havia dois quadros de alto-relevo; à direita, uma alegoria das artes e do estudo; à esquerda, as indústrias humanas, meninos nus como nos frisos de Kaulbach³, risonhos, com a ferramenta simbólica — psicologia pura do trabalho, modelada idealmente na candura do gesso e da inocência. Eram meus irmãos! Eu estava a esperar que um deles, convidativo, me estendesse a mão para o bailado feliz que os levava. Oh! que não seria o colégio, tradução concreta da alegoria, ronda angélica de corações à porta de um templo, dulia permanente das almas jovens no ritual austero da virtude!

Por ocasião da festa da ginástica, voltei ao colégio.

O Ateneu estava situado no Rio Comprido, extremo ao chegar aos morros.

As eminências de sombria pedra e a vegetação selvática debruçavam sobre o edifício um crepúsculo de melancolia, resistente ao próprio sol a pino dos meios-dias de novembro. Esta melancolia era um plágio ao detestável pavor monacal de outra casa de educação, o negro Caraça de Minas. Aristarco dava-se palmas desta tristeza aérea — a atmosfera moral da meditação e do estudo, definia, escolhida a dedo para maior luxo da casa, como um apêndice mínimo da arquitetura.

No dia da festa da educação física, como rezava o programa (programa de arromba, porque o secretário do diretor tinha o talento dos programas)

3 **Kaulbach:** Bernhard Wilhelm Eliodrus von Kaulbach (1805-1874), pintor e ilustrador alemão que se tornou famoso como muralista. Deixou diversas obras em Berlim e Munique utilizando temas históricos. (N.E.)

não percebi a sensação de ermo tão acentuada em sítios montanhosos, que havia de notar depois. As galas do momento faziam sorrir a paisagem. O arvoredo do imenso jardim, entretecido a cores por mil bandeiras, brilhava ao sol vivo com o esplendor de estranha alegria; os vistosos panos, em meio da ramagem, fingiam flores colossais, numa caricatura extravagante de primavera; os galhos frutificavam em lanternas venezianas, pomos de papel enormes, de uma uberdade carnavalesca. Eu ia carregado, no impulso da multidão. Meu pai prendia-me solidamente o pulso, que me não extraviasse.

Mergulhado na onda, eu tinha que olhar para cima, para respirar. Adiante de mim, um sujeito mais próximo fez-me rir; levava de fora a fralda da camisa... Mas não era fralda; verifiquei que era o lenço. Do chão subia um cheiro forte de canela pisada; através das árvores, com intervalos, passavam rajadas de música, como uma tempestade de flarmônicas.

Um último aperto mais rijo, estalando-me as costelas, espremeu-me, por um estreito corte de muro, para o espaço livre.

Em frente, um gramal vastíssimo. Rodeava-o uma ala de galhardetes, contentes no espaço, com o pitoresco dos tons enérgicos cantando vivo sobre a harmoniosa surdina do verde das montanhas. Por todos os lados apinhava-se o povo. Voltando-me, divisei, ao longo do muro, duas linhas de estrado com cadeiras quase exclusivamente ocupadas por senhoras, fulgindo os vestuários, em violenta confusão de colorido. Algumas protegiam o olhar com a mão enluvada, com o leque, à altura da frente, contra a rutilação do dia num bloco de nuvens que crescia do céu. Acima do estrado baluçavam docemente e sussurravam bosquetes de bambu, projetando franjas longuíssimas de sombra pelo campo de relva.

Algumas damas empunhavam binóculos. Na direção dos binóculos distinguia-se um movimento alvejante. Eram os rapazes. “Aí vêm! disse-me meu pai; vão desfilarem por diante da princesa.” A princesa imperial, Regente nessa época, achava-se à direita em gracioso palanque de sarrafos.

Momentos depois, adiantavam-se por mim os alunos do Ateneu. Cerca de trezentos; produziam-me a impressão do inumerável. Todos de branco, apertados em larga cinta vermelha, com alças de ferro sobre os quadris e na cabeça um pequeno gorro cingido por um cadarço de pontas livres. Ao ombro esquerdo traziam laços distintivos das turmas. Passaram a toque de clarim, sopesando os petrechos diversos dos exercícios. Primeira turma, os halteres; segunda, as maçãs; terceira, as barras.

Fechavam a marcha, desarmados, os que figurariam simplesmente nos exercícios gerais.

Depois de longa volta, a quatro de fundo, dispuseram-se em pelotões, invadiram o gramal e, cadenciados pelo ritmo da banda de colegas, que os esperava no meio do campo, com a certeza de amestrada disciplina, produziram as manobras perfeitas de um exército sob o comando do mais raro instrutor.

Diante das fileiras, Bataillard, o professor de ginástica, exultava envergando a altivez do seu sucesso na extremada elegância do talhe, multiplicando por milagroso desdobramento o compêndio inteiro da capacidade profissional, exibida em galeria por uma série infinita de atitudes. A admiração hesitava a decidir-se pela formosura masculina e rija da plástica de músculos a estalar o brim do uniforme, que ele trajava branco como os alunos, ou pela nervosa celeridade dos movimentos, efeito elétrico de lanterna mágica, respeitando-se na variedade prodigiosa a unidade da correção suprema.

Ao peito tilintavam-se as agulhetas do comando, apenas de cordões vermelhos em trança. Ele dava as ordens fortemente, com uma vibração penetrante de corneta que dominava a distância, e sorria à docilidade mecânica dos rapazes. Como oficiais subalternos, auxiliavam-no os chefes de turma, postados devidamente com os pelotões, sacudindo à manga distintivos de fita verde e canutilho.

Acabadas as evoluções, apresentaram-se os exercícios. Músculos do braço, músculos do tronco, tendões dos jarretes, a teoria toda do *corpore sano*⁴ foi praticada valentemente ali, precisamente, com a simultaneidade exata das extensas máquinas. Houve após, o assalto aos aparelhos. Os aparelhos alinhavam-se a uma banda do campo, a começar do palanque da Regente. Não posso dar ideia do deslumbramento que me ficou desta parte. Uma desordem de contorções, deslocadas e atrevidas; uma vertigem de volteios à barra fixa, temeridades acrobáticas ao trapézio, às perchas, às cordas, às escadas; pirâmides humanas sobre as paralelas, deformando-se para os lados em curvas de braços e ostentações vigorosas de tórax; formas de estatuária viva, trêmulas de esforço, deixando adivinhar de longe o estalido dos ossos desarticulados; posturas de transfiguração sobre invisível apoio; aqui e ali uma cabecinha loura, cabelos em desordem cacheados à testa, um rosto injetado pela inversão do corpo, lábios entreabertos ofegando, olhos semicerrados para escapar à areia dos sapatos, costas de suor, colando a blusa em pasta, gorros sem dono

4 **corpore sano**: trecho de "*Mens sana in corpore sano*", frase latina do poeta satírico romano Décimo Juno Juvenal (60 d.C.-127 d.C.) que significa "Mente sã num corpo sã". (N.E.)